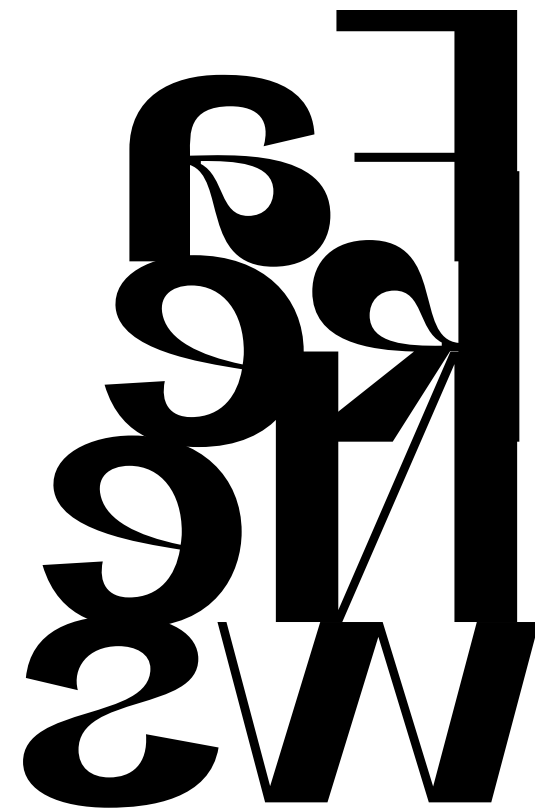


Fake News

J. A. Nunes Carneiro
(Portugal)

Consultor de *marketing* e
comunicação. Autor de seis
livros de poesia. Pós-graduado
em Dramaturgia e Argumento
(ESMAE, 2021).



PERSONAGENS
HOMEM
ASSISTENTE
PSIQUIATRA
DIRECTOR

A peça decorre na actualidade, num espaço indiferenciado composto por dois gabinetes, um corredor que conduz a uma porta com o letreiro SAÍDA, um quarto e um espaço neutro onde se senta o público. Os dois gabinetes são diferentes. O primeiro, o gabinete do PSQUIATRA, tem apenas dois sofás, frente a frente e equidistantes. Além disso, existe uma pequena mesa de apoio entre os sofás. O gabinete do DIRECTOR, que fica mesmo ao lado, tem um aspecto mais convencional, com uma cadeira e uma secretária formal. Em frente da secretária, duas cadeiras para eventuais visitantes se sentarem. O quarto, onde vive o HOMEM, é bastante austero. Neste espaço pequeno, apenas se encontra uma cama, uma mesa-de-cabeceira com um candeeiro, uma mesa redonda e uma cadeira. Em cima da mesa, estão jornais com o aspecto de já terem sido lidos e um computador portátil. Em frente ao quarto do HOMEM e dos dois gabinetes, existe uma sala de espera. O público entra pela porta ao fim do corredor, é para aí conduzido pela ASSISTENTE e senta-se nas cadeiras, onde aguarda e assiste. No seu gabinete, o DIRECTOR consulta e lê várias folhas que tira de uma pasta de arquivo que tem sobre a secretária. No outro gabinete, o PSQUIATRA toma notas num caderno e parece reflectir sobre o que escreve.

CENA 1

A ASSISTENTE dirige-se para a porta que abre para receber o público, que vai, depois, interpelar individualmente.

ASSISTENTE – Muito bom dia. Sejam bem-vindos ao Centro de Reabilitação. Antes de entrarem, peço que me apresentem a vossa Convocatória Oficial. A seguir, vou dar-vos uma pulseira que identifica o grupo em que foram incluídos. (Depois de ler cada uma das convocatórias, põe no braço de cada pessoa a respectiva fita identificativa: vermelha, verde ou azul.) Podem agora acompanhar-me. Por favor, não conversem. (Chegados à sala de espera, informa:) Coloquem as vossas coisas nesta mesa. Desliguem os telemóveis. Mantenham-se em silêncio para não perturbar o trabalho. Não se ausentem deste espaço por motivo nenhum. Serão chamados por mim na altura certa.

A ASSISTENTE retira-se.

CENA 2

O HOMEM está deitado, aparentemente a dormir. Toca uma sirene incomodativa e levanta-se lentamente. Liga o computador e passeia pelo quarto. A ASSISTENTE surge do lado oposto à porta de saída do corredor. Transporta um tabuleiro com um copo de sumo de laranja, um prato com um croissant, uma chávena, um bule e um guardanapo. Pára à porta do quarto do HOMEM.

ASSISTENTE – Posso? Posso entrar? (Sorri para o HOMEM.) Bom dia! Como se sente hoje?

HOMEM – Na mesma.

ASSISTENTE – Aqui tem o seu pequeno-almoço. Precisa de mais alguma coisa?

O HOMEM nega com a mão e a ASSISTENTE sai.

HOMEM – É sempre a mesma coisa. Entram à socapa para que não lhes faça perguntas. Cabrões. É sempre a mesma coisa. Dia após dia. Já lá vão dois ou três meses e ninguém me diz nada. Sempre a mesma rotina, sempre a mesma coisa. Sempre... querem ver se me vergam. Cabrões! (Senta-se e prepara-se para começar a tomar o pequeno-almoço com naturalidade mas sem vontade.) O director, primeiro, era todo falinhas mansas e, como eu não cedi, mandou-me para aqui. Estou aqui sem ninguém me falar, sem ninguém me dizer porquê. Depois... (Pausa.) Depois, deram-me medicação. Fui ao psiquiatra, e toma lá comprimidos. Comprimidos e mais comprimidos e... nada. E sempre a mesma conversa. Eu sempre a dizer-lhes a mesma coisa. E eles a dizerem que eu estava a mentir ou que estava um pouco... (Pausa, escolhendo as palavras.) Um pouco descompensado, disse-me ele. Depois mudaram de estratégia. Depois... Depois, deixaram-me consultar os jornais num computador. Cabrões! Eles sabiam que eu gostava de jornais. Eles sabiam que eu acreditava em jornais. Eles sabiam que eu lia jornais há muito tempo. E, agora, isto até parece aquele livro do Kafka. Os tipos conseguiram até imprimir um jornal só para mim com as mesmas mentiras, para dizerem que eu minto, para provarem que eu não estou bem. Cabrões! (O HOMEM consulta o computador. Pára numa página. Começa a comer o croissant e a beber o sumo. Vai abanando a cabeça, incrédulo.) Como é possível? Um tipo bateu na mulher e não foi preso. Outro tipo não pagou 3500 euros de uma multa e foi preso. Os cabrões querem que eu acredite nisto? (Muito irritado, o HOMEM lê em voz alta.) Diz aqui:

«O arguido negou que tivesse, alguma vez, maltratado, física ou psicologicamente, a sua mulher e que sempre a tratou “com carinho”, mesmo nas ocasiões de conflito ou tensão entre ambos. Alegou que a mulher desconfiava que ele lhe era infiel e que era isso que estava na base dos conflitos. Em relação à tentativa de homicídio, disse que nunca teve intenção de matar, mas sim de “pregar um susto” à mulher, depois de esta lhe ter “roubado” um carro. Segundo relatou, a mulher, no contexto de tensão que se viveu naquele momento, “foi de encontro à faca” que ele tinha na mão e “cortou-se um bocadito”. Admitiu que apontou a faca ao pescoço da mulher, embora a uma distância de 10 centímetros, e que, depois da contenda, foi-se embora e desfez-se da faca, deitando-a num caixote do lixo. Argumentos que não convenceram o tribunal, que deu como provada a intenção de matar. Para a suspensão da pena, o arguido fica proibido de se aproximar da mulher e de a

contactar por qualquer meio, sendo o cumprimento destas duas regras de conduta fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância. Terá ainda de frequentar um programa para agressores de violência doméstica. O tribunal não estipulou qualquer indemnização à vítima, por ela ter, entretanto, acordado com o arguido um montante pelos danos que o mesmo lhe causou. O arguido, que estava em prisão domiciliária, foi restituído à liberdade.»

Pois... pois, eu percebo muito bem a estratégia. É a verdade ao contrário... eu sei que isto não pode acontecer. Mas, para me manterem aqui fechado, eles querem que eu pareça mentiroso. Claro que eu podia dizer que acredito no que o jornal diz. O psiquiatra está sempre a perguntar-me a mesma coisa. As consultas são chatas. Ele pergunta e eu respondo. Mas como posso eu acreditar em notícias falsas? Será que ele acha que eu sou doido e vou começar a dizer que acredito só para ter alta? A mesma coisa no jornal de ontem. Todos os dias a mesma coisa. Todos. Eu sei muito bem distinguir a verdade. Eu andei na escola. O meu pai deu-me educação. A minha mãe deu-me exemplo. O meu avô ensinou-me a ler quando eu estava em casa dele. Ele tinha sempre o jornal em cima da mesa grande da cozinha. Comecei por juntar as letras dos títulos. Eu sabia que os jornais diziam sempre a verdade. Tinha quatro ou cinco anos. O meu avô dizia-me: se quiseres saber o que se passa, lê o jornal. E, agora, estes gajos andam aqui a mostrar-me notícias falsas para darem comigo em doido ou para fazerem de mim louco... que pena o meu avô não poder vir cá ajudar-me. Dizer a estes cabrões que isto são notícias falsas.

CENA 3

A ASSISTENTE aproxima-se e pára à porta do quarto do HOMEM.

ASSISTENTE – Dá-me licença?

HOMEM – Sim.

ASSISTENTE – O nosso psiquiatra quer falar consigo.

HOMEM – Ah sim... porquê?

ASSISTENTE – Não sei. Limito-me a vir buscá-lo. Sabe que é do seu interesse vir comigo. Não vale a pena questionar-me. Mas...

HOMEM – Pois... Já vou. Deixe-me calçar os sapatos.

ASSISTENTE – Sabe, ando há vários dias para lhe fazer uma pergunta.

HOMEM – Que pergunta?

ASSISTENTE – Quando chegou, li a sua convocatória em que lhe atribuíram a pulseira vermelha.

HOMEM – E? Qual a novidade? Nem tinha reparado.

ASSISTENTE – Significa que foi enviado depois de uma denúncia anónima. Se bem me recordo, o problema detectado foi a sua conversa num café em que frequentemente punha em causa as notícias, em que lançava suspeitas sobre a veracidade dos factos nelas relatados.

HOMEM – Tinha e tenho razões para isso. Há muito que sinto que alguém nos anda a manipular. Na Televisão Oficial, na Rádio Oficial e no Jornal Oficial.

ASSISTENTE – Percebo.

HOMEM – Não reparou que, há três ou quatro anos, os outros jornais foram fechando e agora só temos acesso aos meios de comunicação oficiais?

ASSISTENTE – Sim, eu sei. Mas nem tudo será mentira, não lhe parece? O nosso Governo não ia estar sempre a inventar.

HOMEM – Eu não acredito. Ainda agora estive a ler as últimas notícias e só podem ser mentira. Neste momento, até conseguem manipular notícias dos tribunais e dos juizes. Já viu o poder que têm de ter para até isso poderem usar para iludir toda a gente? E logo a Justiça, que está cada vez pior. Por mim, não acredito em nada. Quando falo com os meus amigos no café, apenas quero alertá-los para a situação. Infelizmente, eles ainda não perceberam o que se passa. Para estar aqui, alguém deve ter ouvido e denunciou-me. Não me admirava nada. Nos tempos que correm, há sempre alguém a querer ficar bem visto. Mas eu não desisto de lutar. Seja nas conversas no café, seja aqui nas conversas com o idiota do psiquiatra.

ASSISTENTE – Por favor, permita-me que lhe diga o que sei que se passa e que quero partilhar consigo há semanas.

HOMEM – O quê? Mais conversa como a do psiquiatra?

ASSISTENTE – Não. Claro que não. (*Hesita.*) Eu percebo muito bem o seu desespero. Pode continuar a sua luta resistindo aqui dentro, ou pode sair e juntar-se a muitas pessoas que lá fora pensam como o senhor.

HOMEM – Por que me diz isso?

ASSISTENTE – Porque eu sou exactamente uma dessas pessoas. E nós precisamos de mais pessoas como o senhor para parar esta insanidade.

HOMEM – Mas eu luto. Eu sei muito bem que isto que me dizem são notícias falsas. E, se fabricam estas, quantas mais inventarão? Em que factos nos querem fazer acreditar? Que opiniões vamos ter? Estamos perdidos se cedermos.

ASSISTENTE – Perdidos estamos se pararmos de lutar. Eu arrisco muito só por estar a ter esta conversa consigo.

HOMEM – Percebo.

ASSISTENTE – Pense no que lhe estou a dizer. Mesmo sob esta aparente calma e concórdia que se vê nas ruas, há muita gente descontente e com vontade de mudar a situação.

HOMEM – Nunca ouvi nada. Estranho. Mas, então, vamos lá. Depois falamos com mais calma.

Ambos saem em direcção ao gabinete do PSQUIATRA. À chegada, a ASSISTENTE retira-se.

CENA 4

Gabinete do PSQUIATRA.

HOMEM – Mandou chamar-me, senhor doutor?

PSQUIATRA – Bons olhos o vejam. Sente-se por favor. (*Sentam-se ambos nos sofás.*) Parece-me mais animado hoje e com melhor ar... um pouco mais jovial.

HOMEM – O senhor doutor é que sabe. Eu sinto-me na mesma. Estou farto. Nem percebo por que estou aqui.

PSQUIATRA – Como sabe, está aqui porque tem uma postura... como direi? Diferente e nada conforme com a realidade dos nossos dias. Com as normas estabelecidas. Com o clima de confiança serena e segura que existe e que o senhor não parece aceitar nem respeitar.

HOMEM – Como assim? Sou diferente por não acreditar nas mentiras que me querem contar? Senhor doutor, não perca tempo comigo.

PSQUIATRA – Não estou a perder tempo. Sei que o senhor tem dado mostras de abertura. Tenho falado com o pessoal, que o considera mais sensato e cooperante.

HOMEM – Pois sim.

PSQUIATRA (*pega no caderno e folheia*) – Estava aqui a rever o seu processo. O seu caso foi enviado pelo Ministério da Segurança Interna. Após uma denúncia de um cidadão atento, considerou-se que o senhor tinha um comportamento inapropriado.

HOMEM – Inapropriado? O que quer dizer? Quem me denunciou?

PSQUIATRA – Isso não sei. Não temos esse tipo de informação. Mas o que sei é que as suas conversas num café foram muito notadas. Mas não se fala mais nisso. Isso é passado. Sei que, depois de estar aqui conosco uns tempos, já deve ter mudado de opinião. Estou certo de que a sua sensatez prevalecerá.

HOMEM – Nem sei que lhe diga.

PSQUIATRA – Vamos ao que interessa. Hoje, o senhor completa 180 dias de internamento para reabilitação. E eu tenho de elaborar um parecer para submeter à superior apreciação do senhor director. Neste documento tenho duas opções. Colocar uma cruz num quadrado com a palavra «Inapto», e o senhor fica cá mais uns tempos. Ou colocar uma cruz na palavra «Apto», e o senhor sai daqui hoje mesmo.

HOMEM – Percebo. (*Pausa longa.*) Preciso de pensar, senhor doutor.

PSQUIATRA – Claro que sim. A sensatez às vezes demora um pouco mais, mas chega sempre. Espero-o aqui, depois da hora do lanche. Pode ser? Deixe-me acompanhá-lo.

Levantam-se e dirigem-se para a porta do gabinete. O HOMEM regressa ao quarto. O PSQUIATRA sai rumo ao gabinete do DIRECTOR.

CENA 5

Novamente no quarto do HOMEM. O HOMEM entra visivelmente irritado. Senta-se na cama.

HOMEM – Hoje deve ser quinta-feira. O psiquiatra sabe muito bem que é mentira. Mas é um covarde. Se tivesse tomates, defendia-me. Protegia-me. Mas não. Sempre com aquele ar muito profissional e compenetrado. Mas isto vai acabar. Ou eles desistem ou eu cedo. Todo o santo dia me trazem o jornal com notícias falsas. Cabrões! Só para me confundirem, só para que eu pareça mais louco do que sou. Mas eu não sou louco. Eles até podem mandar imprimir um jornal só para mim, só para me convencerem. Ou para me darem a volta à cabeça. Podem... mas não conseguem. Eu sei o que é um jornal, seja em papel seja no computador. Eu sei distinguir muito bem uma notícia falsa de uma notícia verdadeira. Eu sei... cabrões, pá. (*Senta-se à mesa e abre o computador. Fecha-o novamente. Abana a cabeça. Bate com as mãos na mesa, desesperado. Levanta-se e começa a circular pelo quarto enquanto fala.*) Logo à tarde digo ao psiquiatra (*pára e parece falar com o PSQUIATRA*): Pode fazer o que quiser com as suas cruces de «Apto» e «Inapto». A mim, ninguém me convence. Digo-lhe: posso ficar aqui 10 anos. (*Pausa. Continua a circular.*) Logo à tarde vou dizer-lhe (*pára e parece falar com o PSQUIATRA*): Já passou muito tempo ou pelo menos assim me parece. Sabe, demorei a perceber o que realmente se passa. Mas, hoje, depois de falar consigo, parece que se fez alguma luz. Não são notícias falsas. Não... o mundo é que está doido. O mundo e não eu... Logo à tarde... (*Pára e parece falar com o PSQUIATRA*) Vou dizer ao psiquiatra que acredito nas notícias deles. Pode ser que o cabrão me considere «Apto». Eu saberei sempre que são falsas. O director pensará que ganhou, que me vergou. Cabrão! Estou aqui fechado há meses... e os gajos não desistem. Todos os dias. (*Pausa. Pára. Hesita.*) E se o que a assistente me diz for verdade? Serei mais útil lá fora? Será que posso resistir com mais pessoas? Será que isto pode mesmo mudar? Será que...

A ASSISTENTE chega ao quarto.

ASSISTENTE – Posso entrar?

HOMEM – Sim, entre.

ASSISTENTE – O nosso psiquiatra pediu-me para o vir buscar. Está preparado? Pensou no que eu lhe disse?

HOMEM – Sim. Pensei e muito. Posso acreditar em si?

ASSISTENTE – Pode. Estes são tempos sérios que não permitem brincadeiras. Precisamos de pessoas como o senhor. Pessoas que saibam distinguir, no meio deste emaranhado de notícias, boatos e conspirações, o que é mesmo verdade.

HOMEM – Vou dar um passo de que talvez me venha a arrepender.

ASSISTENTE – Porquê?

HOMEM – Porque não estou habituado a desistir.

ASSISTENTE – Mas... quem lhe disse que vai desistir? Vai ter condições para resistir de outra forma, mais forte e consequente. Vai poder ajudar. Vai ser muito útil a mostrar a verdadeira realidade a muitas outras pessoas.

HOMEM – Acha?

ASSISTENTE – Tenho a certeza.

HOMEM (*hesita uns segundos*) – Então, vamos lá falar com esse psiquiatra.

Saem ambos.

CENA 6

No seu gabinete, o PSQUIATRA indica ao HOMEM o sofá, para que se sente.

HOMEM – Senhor doutor, aqui estou. Pensei. Repensei e sinto-me «Apto».

PSQUIATRA – Excelente. Eu tinha a certeza, desde o primeiro dia, que a sua sabedoria e sensatez acabariam por aparecer.

HOMEM – Sim. Pois. Já passou muito tempo ou pelo menos assim me parece. Sabe, demorei a perceber o que realmente se passa. Mas, hoje, depois de falar consigo, parece que se fez alguma luz. Não são notícias falsas. Não... o mundo é que está doido. O mundo e não eu...

PSQUIATRA (*ignorando a resposta*) – Ainda bem. Mais um caso resolvido com sucesso. Aqui está o relatório. Acabei de colocar uma cruz no quadrado «Apto». Vou entregá-lo de imediato ao senhor director. (*Levanta-se e convida o HOMEM a segui-lo para fora do gabinete.*) Foi um gosto ajudá-lo. Passe bem.

O HOMEM regressa ao quarto. Desliga o computador. Pega num saco em que coloca os seus poucos pertences e os jornais que tinha em cima da mesa. O PSQUIATRA vai ao gabinete do DIRECTOR e entrega-lhe o relatório.

PSQUIATRA – Posso, senhor director? Mais um. Este resistiu, mas acabou por ceder. E já temos lá fora mais 10 ou 15 pessoas para a primeira entrevista. A nossa meta de reabilitação vai ser cumprida.

DIRECTOR – Talvez tenha razão. Tive e, confesso, ainda tenho muitas dúvidas em relação a este homem. Mas, se me diz que pode regressar para a rua, vou dar-lhe a si o benefício da dúvida. Vamos deixá-lo sair. Mas tem mesmo a certeza?

PSQUIATRA (*orgulhoso*) – Pode acreditar, senhor director. Os que mais parecem resistir acabam por ser os que mais depressa cedem, senhor director.

DIRECTOR – Muito bem. Ele que passe aqui antes de sair. Quero olhar para ele uma última vez.

PSQUIATRA (*solícito*) – Muito bem, senhor director. Até já.

Antes de regressar ao seu gabinete, o PSQUIATRA cruza-se com a ASSISTENTE no corredor.

PSQUIATRA – O nosso hóspede do quarto 13 pode sair. Informe-o e leve-o ao gabinete do senhor director. Depois, vá buscar o próximo candidato que esteja na sala de espera.

ASSISTENTE – Sim, senhor doutor.

Dirige-se ao quarto do HOMEM.

HOMEM – Sim?

ASSISTENTE – Estou muito contente. Tem ordem para sair hoje mesmo. O nosso psiquiatra mandou-me dar-lhe esta boa notícia.

HOMEM (*aliviado*) – Finalmente! Vou sair. E já, antes que eles mudem de ideias.

A ASSISTENTE escreve num pequeno caderno. Arranca uma folha, que entrega ao HOMEM.

ASSISTENTE – Aqui tem uma morada onde poderá ir e começar a ajudar. Estão lá vários companheiros meus que sabem o que fazer. Que o vão ajudar a integrar-se. A continuar a sua luta.

HOMEM – Obrigado. (*Pausa.*) Tudo isto e nem sei o seu nome.

ASSISTENTE – Paula.

HOMEM – Vamos lá, Paula.

ASSISTENTE – Vou dizer ao senhor director que vai sair. Ele gosta sempre de dar uma palavrinha de despedida.

A ASSISTENTE sai rumo ao gabinete do DIRECTOR. O HOMEM sai do quarto e entra na sala de espera. Olha à sua volta e dirige-se às pessoas presentes.

HOMEM – Pois é, meus caros. Lembrem-se disto quando estiverem lá dentro. Por vezes, parecemos ceder. E podemos ceder no acessório. O que pensei foi: se eu persistir e ficar aqui encerrado, o que posso fazer? Lá fora posso, pelo menos, continuar a resistir, a alertar e a esclarecer. Aqui, até o director acha que estou, finalmente, curado. Mas eu nunca estive doente e muito menos doido. Só lutei pela verdade. Contra as notícias falsas. Vocês acreditam em tudo? Vocês querem acreditar? Se eles conseguem mudar, pelo menos, uma parte da realidade que chega aos jornais, que mais poderes terão? Vocês acreditam em tudo o que lêem? Não o façam. Podem pensar que estou doido. Mas, se forem parar ao meu quarto, o quarto 13, está lá tudo no computador. Se eles manipulam notícias até da Justiça e de juizes, imaginem que mais podem fazer. Já viram o poder que isso significa?

A ASSISTENTE regressa e entra na sala de espera.

ASSISTENTE – O senhor director vai recebê-lo. Quer despedir-se de si.

HOMEM – Imaginem o que eles podem fazer. E estejam alerta.

Vão ambos para a porta de saída. O DIRECTOR sai da sua secretária e encontra o HOMEM e a ASSISTENTE no corredor. Fala ao HOMEM.

DIRECTOR – Meu caro, é com muito prazer que o vejo partir. Mais sensato e mais sábio. Mais apto para voltar a sua casa, a retomar o seu emprego e a rever a sua família. Lá fora é o seu lugar para dar um contributo a bem da Nação. O nosso psiquiatra comunicou-me os bons resultados da sua estada. Conseguimos dar-lhe a paz de espírito suficiente para o ver fazer a reflexão necessária para descobrir as falácias em que acreditava. Os meus sinceros parabéns! *(Estende a mão ao HOMEM, que o cumprimenta.)*

HOMEM – Obrigado, senhor director. Adeus.

O DIRECTOR regressa à sua secretária e a ASSISTENTE abre a porta de saída.

ASSISTENTE – Adeus. Ou melhor, até breve.

HOMEM – Até breve, Paula.

O HOMEM sai. A ASSISTENTE fecha a porta e dirige-se à sala de espera, onde consulta uma pasta de arquivo.

DIRECTOR *(pega no telefone e marca um número; aguarda uns segundos)* – Está lá? Sim? Senhor inspector? Como tem passado? *(Pausa.)* Vou bem, muito obrigado. Peço desculpa por estar a incomodá-lo, mas temos aqui uma situação urgente que tem de ser acompanhada de imediato pelos seus serviços. *(Pausa.)* Muito obrigado, senhor inspector. É o seguinte. Acaba de sair das nossas instalações um homem que esteve aqui em observação. Foi enviado pelo Ministério da Segurança Interna, compreende? Resistiu vários meses, mas hoje o nosso psiquiatra apresentou-me um parecer em que o considerou «Apto». E, como sabe, nestas circunstâncias, tive de o deixar ir. Mas não confio nada neste psiquiatra. Está sempre muito mais focado em mostrar serviço. Nem sempre me parece suficientemente ponderado nas decisões que toma. *(Pausa.)* Sim, bem sei, senhor inspector. Esta nova geração só quer apresentar resultados, ser promovida e pronto. Temos de ser nós, os da velha guarda, a cuidar para que nada falhe. Portanto, senhor inspector, pedia-lhe que ordene, de imediato, uma operação de vigilância. Vou mandar-lhe já de seguida a identificação e a morada do homem. Quero saber tudo o que ele faz e com quem fala. *(Pausa.)* Fico-lhe muito grato, senhor inspector. Apesar do que diz o palerma do nosso psiquiatra, penso que a saída foi precipitada. À mínima suspeita,

quero-o cá dentro outra vez. *(Pausa.)* Sim, agradeço um relatório diário. Mas enviado directamente e só para mim. Muito obrigado, senhor inspector. Bem haja.

O DIRECTOR desliga o telefone e senta-se. A ASSISTENTE, na sala de espera, retira uma convocatória da pasta de arquivo. Olha os presentes e escolhe a pessoa mais próxima.

ASSISTENTE – Pode acompanhar-me, por favor? O nosso psiquiatra está à sua espera.

Fontes:

Jornal Público *online*.

Notícia lida pelo Homem na peça: «Pena suspensa para homem que tentou matar mulher à facada» (<https://www.publico.pt/2021/07/09/sociedade/noticia/pena-suspensa-homem-tentou-matar-mulher-facada-1969785>)

Outras notícias:

1| <https://www.publico.pt/2017/10/22/sociedade/noticia/decisao-que-desculpa-agressao-devido-a-adulterio-coloca-a-vida-de-muitas-mulheres-em-risco-1789851>

2| <https://www.publico.pt/2021/05/21/sociedade/noticia/homem-arrastou-mulher-pescoco-rua-absolvido-crime-violencia-domestica-1963469>